

Jornal *O Casarão*: um modelo alternativo e atrativo de jornalismo universitário¹

Francielly BALIANA²

João Pedro SOARES³

Carla BAIENSE⁴

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Em tempos virtuais, os jornais impressos estão cada vez mais ameaçados. No entanto, nesse meio, mesmo em face das dinâmicas digitais, ainda é possível promover um jornalismo crítico, literário e transformador. É nessa categoria que se encaixa *O Casarão*, projeto desenvolvido por alunos de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, que se transformou em disciplina, inserindo estudantes de Comunicação na produção de um veículo midiático diferenciado – feito por eles, para eles e para os próprios sujeitos dos muitos fatos que acontecem ao redor da universidade, dignos de análise, circulação e reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo impresso; contra-informação; casarão.

As Tentativas Anteriores E A Criação Do *O Casarão*

Durante as décadas de 1980 e 1990, a produção de periódicos foi intensa no Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (IACS). Em algumas ocasiões, chegaram a circular duas ou três publicações simultâneas produzidas por alunos de forma independente ou sob a orientação de professores. Alguns exemplos são os jornais *Aliás* e *Zine Ó*, o folhetim *SACI* e a revista *Casarão*.

Com a virada do século, porém, estas publicações perderam força e a produção de impressos foi encerrada, muito em função das dificuldades materiais para impressão e distribuição dos produtos.

Uma hipótese paralela também diz sobre a possível migração dos alunos para novas formas de veiculação da informação que surgiram, sobretudo com a crescente difusão da internet e de ferramentas que facilitaram sua utilização como o *Blogger* e o *WordPress*, que

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo – JO 03, modalidade Jornal-laboratório impresso.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social / Jornalismo, email: bg.francielly@gmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social / Jornalismo, email: joaopedrosoares1994@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social / Jornalismo, email: carlabaienses@yahoo.com.br

permitiram a qualquer um a criação de um espaço próprio na rede de forma gratuita ou a preços módicos. Este novo quadro, apesar de aumentar o fluxo de ideias e contribuir para a democratização da informação numa perspectiva social mais ampla, acabou por minar, em particular, a comunicação no âmbito da comunidade do IACS. O canal direto que existia de aluno para aluno e que integrava diferentes cursos e períodos extinguiu-se, e deixou um vazio. E, para além desta questão da comunicação comunitária, importantes instâncias de aprendizado e experimentalismo, fundamentais à cadeira de Jornalismo, foram estancadas, abrindo uma lacuna na formação técnica e crítica dos alunos.

A fim de mudar este panorama, em abril de 2013, alunos do curso de Jornalismo fundaram, de forma independente, o Jornal Laboratório *O Casarão*, homônimo de uma publicação escrita por alunos e professores nos anos 1990, mas com uma nova linha editorial, formato e processo produtivo.

Com público-alvo definido na comunidade interna de alunos, professores e servidores da UFF, e também naquela do entorno dos campi de Comunicação, o que totaliza cerca de 2.800 pessoas, o tabloide preto e branco de oito páginas se pretende apartidário, ideologicamente independente e livre de vínculos panfletários de toda sorte.

Contudo, não se trata de uma publicação apolítica. Ao entender política como a discussão dos interesses do cidadão, entre os quais figura a praça jornalística, o produto se afirma questionador tanto da Imprensa Convencional, que elege comumente as vozes dominantes do Capital, quanto da Imprensa dita Alternativa, recheada de messianismo militante. Admite-se, entretanto, o rótulo de veículo alternativo, quando, na contramão da mídia hegemônica, dá-se voz às minorias representativas de nossa sociedade, não raro, silenciadas. Não se trata, pois, de levantar bandeiras, mas, sim, de um exercício de cidadania pertinente à atividade de imprensa: garantir isonomia no tratamento das partes envolvidas em um acontecimento. Para tanto, são pautados assuntos relacionados ou não à agenda universitária, mas de interesse do público-alvo, ligados à cultura, cidadania, esportes, políticas, serviços públicos e urbanidades que, de alguma forma, apresentem novos fatos, perspectivas e personagens que não aqueles mostrados pela mídia convencional.

A produção de conteúdo, por sua vez, segue modelo experimental que, apesar de manter as etapas convencionais de produção jornalística (proposição e discussão de pauta, apuração, redação, edição de texto, planejamento visual gráfico, edição e diagramação), contraria a lógica de uma redação hierarquizada e opta pela horizontalidade e coletividade,

além de negar a primazia do lead, na busca por textos mais longos e densos, muitas vezes com veia literária, atributos condizentes com um público majoritariamente universitário, com bom hábito e volume de leitura.

Passados brevemente o contexto de nascimento do jornal e seus aspectos mais relevantes, a seguir melhor explorados, vale ressaltar a atual importância da iniciativa. Atualmente, caminha para a publicação da oitava peça e está amparada em uma disciplina optativa do currículo de Comunicação Social da UFF, que reúne 25 alunos sob a orientação da professora adjunta Carla Baiense Felix. Mais do que preparar os alunos para o mercado de trabalho, há uma preocupação evidente em incitar reflexão sobre o fazer jornalístico de nosso tempo e a correlata tarefa de promover uma comunicação comunitária e contra-hegemônica.

Conteúdo Diferenciado Para Um Público Diverso

O Casarão trabalha sob a luz de um objetivo: produzir conteúdo noticioso crítico que dê voz às minorias representativas e seja capaz de esclarecer o público leitor a fim de subsidiá-lo para um entendimento próprio e maduro dos acontecimentos.

Acreditamos que, uma vez bem sucedido neste propósito, o jornal cria condições para que os três entes beneficiados pela publicação – alunos envolvidos, comunidade do IACS e minorias - colham bons resultados, atingindo metas derivadas do objetivo central.

No caso dos alunos que participam do jornal laboratório, duas metas mais imediatas se apresentam. A primeira diz respeito à instrução técnica sobre as etapas de produção de uma matéria, desde a formulação e discussão de pautas, passando por apuração, redação e edição de texto, até chegar na edição e diagramação da peça inteira. A segunda meta é proporcionar um ambiente de discussão dos processos jornalísticos de agendamento e recorte do real, além do contato com os gêneros narrativos que podem nortear uma reportagem.

Sobre a comunidade, podemos dizer que, ao perceber uma publicação gratuita e de credibilidade, que não entrega sentidos prontos, mas, sim, um bom ferramental para interpretação dos fatos que a envolve diretamente ou não, cria uma relação de confiança que não só auxilia os interlocutores, mas os integra, estimulando o debate e a troca de ideias. Esta integração é que permite à comunidade universitária se organizar e se projetar como agente social atuante. Daí a necessidade de uma faculdade ter um veículo próprio de viés

comunitário que objetive reproduzir o quanto é possível o aprendizado teórico da sala de aula na prática.

Já a respeito das minorias, incide o traço mais claro da linha editorial: dar voz aqueles que participam de um acontecimento, mas que não são ouvidos pelos grandes grupos midiáticos estabelecidos no país, seja em nível estadual ou nacional. Para tanto, cumpre desenvolver pautas que apresentem fontes alternativas àquelas que estampam as capas dos grandes jornais sem, entretanto, guerrear com estes. Ao contrário, trata-se de contribuir para compor recortes mais honestos e aproximados do real. Assim, o Casarão não só dá voz aos menos favorecidos, mas também busca desconstruir estereótipos e apresentar à comunidade universitária populações muitas vezes por ela desconhecida ou desprezada.

As Motivações Por Trás De Uma Publicação Impressa Questionadora

A proposta do Casarão se insere num período de mudanças na Comunicação e na sociedade como um todo. A democratização do acesso à internet tem levado cada vez mais pessoas a se integrarem virtualmente. Os jornais não seguiram outro caminho – empresas com veículos impressos também se voltaram para plataformas online. É nesse momento que o jornal em papel precisa adquirir nova linguagem. Notícias rápidas e quentes chegam ao celular das pessoas o tempo todo. Diante disso, é necessário inovar. O Casarão fez a escolha de uma linguagem diferenciada no tratamento de temas nem sempre levantados pela grande mídia. Um jornalismo que tem dias para ser construído, em uma sociedade onde cada minuto é muito precioso, é algo, sim, diferenciado.

Levar as pessoas a mergulharem num fato político que envolve indivíduos que estão ou não em seu contexto; entender a dinâmica de grupos de artistas que atuam em comunidades; o contexto de desapropriação de casas; marchas em defesa das diversidades e da igualdade de gêneros; a complexidade do recebimento de grandes eventos; olhar analítico para a formação histórica brasileira; etc. São muitos os exemplos de pautas. A atualidade brasileira está em total efervescência política. E jovens universitários, suas famílias e as comunidades em seu entorno precisam entender o que está acontecendo.

Trata-se de olhar para a realidade e encontrar nela justificativas para a construção de um produto noticioso diferenciado. Trata-se de observar os contextos de produção de conteúdo, cada vez mais tecnológicos e dinâmicos, e trabalhar em conjunto a eles. De submeter futuros jornalistas a visões diferenciadas diante do mundo, para que deem frutos em suas atuações como profissionais. Trata-se de trazer à tona o que poucos trazem. Todo

momento é propício para uma comunicação que não se limite ao escritório e às telas de computador. Os fatos estão nas ruas e precisam ser compreendidos.

No entanto, há ainda um motivo maior que direciona a construção de veículos alternativos: a existência de veículos hegemônicos. A contra-informação acontece porque a mídia tida como convencional, na maioria das vezes, não é capaz de apresentar à sociedade olhares múltiplos sobre os fatos. Os exemplos são inúmeros. Quais veículos contam a história dos moradores de morros pacificados no Rio de Janeiro sem se voltar apenas para a política de segurança pública? Quem vai até a casa de um morador de periferia perguntar o que ele acha sobre o que está sendo executado no bairro onde mora?

São questionamentos como esses que permitem o entendimento de construção e reafirmação de um *status quo*. É preciso mostrar a essas pessoas detalhes sobre suas realidades que elas mesmas não sabem. A violência, concomitantemente, é mais um exemplo de como a mídia tradicional reitera olhares interessantes apenas à continuidade de sua própria existência – ligada ao Capital e às grandes empresas. Dificilmente vê-se uma matéria que alie violência, assaltos e manifestações às injustiças sociais cometidas o tempo todo contra minorias.

É por essa motivação, também, que uma comunicação popular, alternativa e comunitária precisa existir. E precisa ser atrativa, como reitera Ignacio Ramonet⁵, em seu livro *O Poder Midiático*. “(...) não podemos fazer contra-informação com um discurso efetivamente infantilizante. E a dificuldade está em construir um discurso de contra informação que apresente também características de sedução, ou seja, que não se dirija a uma pequena minoria, mas que possa dirigir-se também às massas [...]”. Para isso, é necessário um bom formato, um diálogo com as tecnologias. É preciso ousadia jornalística.

Mais Que Métodos, Linguagens

As plataformas (impresso, TV, rádio, internet) estão cada vez mais integradas e colocam em xeque a existência de uma sem o suporte da outra. É por essa razão que jornais de grande circulação, como *O Globo* e a *Folha de São Paulo* e também jornais de cunho alternativo e popular investem o tempo todo nesses diversos meios, a fim de ganhar um leitor cada vez mais exigente e dinâmico – um internauta. Com o *Casarão* não é diferente. Além do jornal impresso, há também uma atuação nas plataformas online. Esse é um

⁵RAMONET, Ignacio. "O Poder Midiático", In: MORAES, Dênis de (org.). *Por Uma Outra Comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder*, Rio de Janeiro: RECORD, 2003.

método eficaz, que faz com que o leitor do online seja também um consumidor do impresso. O online é mais dinâmico e trabalha com a produção de vídeos e hiperlinks. O impresso, por sua vez, é instrumento da produção de textos trabalhados e aprofundados, com uma linguagem mais detalhada, se aproximando de um jornalismo onde narrativas maiores são possíveis. Também está disponível no formato PDF. Essas reportagens se fundamentam numa tentativa ao mesmo tempo antiga e recente de fazer um trabalho diferenciado com a história a ser noticiada, tornando-a um caso a ser contado.

A revista Realidade, por exemplo, foi um marco na história da reportagem brasileira. Era uma publicação da década de 60 que revolucionou o fazer jornalístico. A abordagem temática e a linguagem utilizada eram inovadoras. O jornalismo produzido por Realidade introduziu o segmento brasileiro de revistas de informação geral na imprensa moderna, uma vez que estava em sintonia com as tendências jornalísticas mais inovadoras, contemporâneas à revista, como por exemplo, o Novo Jornalismo. Realidade é uma inspiração para O Casarão.

Mais recentemente, há também o exemplo da Revista Piauí, que promove um jornalismo rebuscado, onde cada palavra traz um sentido especial para a história que está sendo contada. Nesse tipo de escrita, até mesmo o olhar e o posicionamento das mãos do entrevistado contam na hora de redigir o texto. É um tipo de escrita onde o jornalista, além de um bom apurador, é, também, um ótimo contador de histórias. Histórias que fazem a realidade ainda mais múltipla.

Sobre essa questão, a jornalista Angélica Weise⁶, em seu Artigo Para compreender o jornalismo literário, afirma que, por suas particularidades, esse tipo de jornalismo exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica. A humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo.

O jornalismo é fato da realidade. A literatura, da realidade somada à ficção. O jornalismo literário, logo, é uma miscelânea de ambos. Cumpre a missão de informar, preservando a essência jornalística, porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo. (WEISE, 2013, p. 01)

Etapas E Dinâmicas Que Precedem O Jornal Em Mãos

A publicação não possui vínculos institucionais ou viés panfletário, o que garante a prática do bom jornalismo. A cada dois meses, uma nova edição com matérias sobre a

⁶WEISE, Angélica. Para compreender o jornalismo literário. Observatório da Imprensa, 2013

universidade e reportagens especiais nas editorias de cidade, política, esportes e um denso caderno de cultura marca do projeto.

A linguagem diferenciada é apenas uma das formas de fazer um jornalismo impresso atrativo e de qualidade. O fato de a publicação ser bimestral contribui para a escolha de temas diferenciados e para a possibilidade de os alunos mergulharem no trabalho que estão realizando. As escolhas de pauta são horizontais. Os alunos se reúnem em uma mesa circular junto à professora e trazem os temas sobre os quais querem tratar. A reunião levanta possibilidades de entrevistas, locais onde buscar informação, fontes, fotos, etc. Não há imposição do que deve ser tratado. O olhar do aluno, junto à dinâmica de grupo, diante do mundo que o cerca selecionará o que achar pertinente dentro da gama de possibilidades a serem tratadas.

A partir dali, começa a produção e a apuração. Os alunos são incentivados a buscar fontes diversificadas e a ter um grande número delas em sua reportagem. A pesquisa também é de grande importância para uma matéria bem feita. A professora cede o espaço das aulas para essa realização. Assim, os encontros podem ser feitos na própria faculdade, de onde os estudantes partem para a realização da matéria. O grande diferencial está em que há a possibilidade da realização conjunta de reportagens, com um, dois ou três alunos escrevendo juntos. São mais olhares sobre o mesmo tema.

Os alunos têm todo o trabalho de escolha da pauta, produção, apuração, escrita da matéria, edição, revisão e diagramação. Mas, diferente da maioria dos veículos, têm tempo para isso. Não é um compromisso *Hard News*. Pelo contrário. Isso possibilita que saiam da faculdade com uma formação mais completa do processo de realização jornalística com viés aprofundado, e não com uma concepção de que todo jornalismo é quente. Há e deve haver espaço para essas diferentes formas de se olhar para o tema e o texto. É necessário saber o que ocorre instantaneamente no mundo, mas também deve haver lugar para publicações mais preocupadas com os detalhes dessas informações, que precisam ser entendidas em seus contextos e terem suas leituras incentivadas nas escolas e universidades. Quanto à impressão, esta é feita com o auxílio financeiro da universidade.

Considerações

Muito além de um jornal universitário feito por alunos, para alunos, professores e todo uma comunidade ao redor da universidade, O Casarão se caracteriza como um laboratório de aprendizado para todos os que a ele têm acesso, seja do ponto de vista do estudante, que participa de todos os processos de produção do jornal, seja pelo olhar do

leitor, que recebe em formato de palavras, numa linguagem descritiva e preocupada, conteúdos bem apurados e trabalhados. Essa disciplina e seu produto exercem, antes de tudo, uma função formadora diante daqueles que o carregam em mãos. É nas páginas desse jornal que se caracteriza o olhar de gente preocupada em formar novos olhares, para um mundo mais justo, mais múltiplo e dinâmico, onde todos tenham vez.

Referências

RAMONET, Ignacio. "O Poder Midiático", In: MORAES, Dênis de (org.). *Por Uma Outra Comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder*, Rio de Janeiro: RECORD, 2003.

WEISE, Angélica. *Para compreender o jornalismo literário*. Observatório da Imprensa, 2013.